

CAUSOS, VISAGENS E ENCANTARIAS: O CASO DAS APARIÇÕES NA ILHA DE COTIJUBA - PARÁ

Data de submissão: 02/11/2023

Data de aceite: 01/12/2023

Maria Roseli Sousa Santos

Universidade do Estado do Pará
Belém – Pará

<http://lattes.cnpq.br/1757420475874445>

Raqueline Brito da Cruz

Universidade do Estado do Pará
Belém – Pará

<http://lattes.cnpq.br/3759481949473931>

RESUMO: Este artigo é um estudo de caso sobre causos, visagem e encantaria a partir de relato oral de um morador da ilha de Cotijuba – Pará, que relatará as aparições na ilha. O objetivo foi analisar o conteúdo dos relatos, identificando os aspectos míticos, assim como, referências da cultura amazônica, cultura popular e cabocla que permitam compreender as crenças antigas e atuais sobre as aparições e os encantados. A metodologia consiste em pesquisa de campo com coleta de relatos orais, estudo teórico acerca da temática e análise de conteúdo dos relatos, com interpretação na fundamentação teórica. Refletimos que não se esgotarão os elementos culturais das narrativas do imaginário, pois eles estão – e são – integrados à vida do povo amazônida. O que encontramos é mais uma

das crenças da sabedoria do morador, que viveu no mesmo lugar e, ainda vive, é sua identidade viva e movente.

PALAVRA-CHAVE: Amazônia; Aparições; Identidade; Cultura; Encantados.

STORIES, VISAGES AND ENCHANTMENTS: THE APPARITIONS'S CASE ON COTIJUBA ISLAND – PARÁ

ABSTRACT: This article is a case study on stories, visage and enchantment based on an oral report from a resident of the island of Cotijuba – Pará, who will report the apparitions on the island. The objective was to analyze the content of the reports, identifying the mythical aspects, as well as references from amazon culture, popular and cabocla culture that allow understanding ancient and current beliefs about apparitions and enchanted people. The methodology consists of field research with collection of oral reports, theoretical study on the topic and content analysis of the reports, with interpretation on the theoretical basis. We reflect that the cultural elements of imaginary narratives will not be exhausted, as they are – and are – integrated into the lives of the amazonian people. What we find is another of the wisdom beliefs of the resident, who

lived in the same place and still lives, it is his living and moving identity.

KEYWORDS: Amazon; Apparition; Identity; Culture; Enchanted.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz o relato sobre aparições na Ilha de Cotijuba, através da entrevista com Seu Jaime, morador da ilha. Compreender essa experiência cabocla amazônica nos traz a compreensão de que o nativo possui uma profunda relação com a natureza, com o meio onde está inserido. Como falaremos dos fatos ocorridos em uma ilha, certamente abordaremos que há um isolamento do indivíduo, tendo sua vida às margens do rio, e tendo o rio como sua rua. Com isso, iremos dialogar com o escritor João de Jesus Paes Loureiro, em sua obra “Cultura Amazônica” (1995).

É importante destacar voz do morador buscando compreender seus relatos de sua vida no local onde viveu, e ainda vive, trajetórias e expressões, utilizando a obra *Entre o rio e a rua* da professora Roseli Sousa como destacamos a seguir:

A compreensão sobre a produção de saberes emergida das histórias orais está intrinsecamente relacionada à memória, à lembrança e ao esquecimento, elementos fundamentais neste trabalho para que se faça a inserção na história coletiva dos narradores e se compreenda a relação com a história do lugar (SOUSA, 2010, p. 36).

Há questões que abordaremos, também, no que diz respeito ao que o caboclo denomina de “bichos visagentos” (GALVÃO, 1955), como uma nomenclatura genérica sobre as aparições. Todavia, destacamos que diferentemente dos santos, as visagens não recebem cultos ou devoção, muito pelo contrário, o caboclo os evita. E através da leitura da obra *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão iremos estudar como ocorre essa “interação” do caboclo e o sobrenatural.

Compreendemos a importância dos estudos de obra dos autores que dissertam sobre o homem amazônico, caboclo, o nativo, bem como suas culturas e suas identidades. Há peculiaridades na vida do morador da Amazônia, pois carregam consigo “traços fundamentais de sua cultura” (LOUREIRO, 1995) e foi no período colonial que se deu a formação de boa parte de nossa cultura, a cultura brasileira.

Mas, como podemos entender o que é a cultura amazônica? Se analisarmos, podemos perceber e encontrar sua cultura, sua vida em profundo relacionamento com a natureza, com o rio, a mata, os animais, podendo dizer que em primeira instância essa cultura está sob influência da cultura cabocla, como mencionamos, com um estreito relacionamento com a natureza, natureza selvagem.

Ao nos debruçarmos na historiografia literária disponível sobre o “nascimento” dessa cultura ao qual estamos a abordar, podemos dizer que nasceu de uma “acumulação cultural” (LOUREIRO, 1995), advinda do colonizador, do escravo africano, dos habitantes

originários também conhecidos como indígenas, da cultura nordestina, dos imigrantes. Com a chegada dos portugueses e dos escravos, depois com o período da borracha e muitos outros acontecimentos e fatos históricos ocorridos na Amazônia, hoje temos uma diversidade cultural, cultura mista, cultura amazônica.

Queremos, porém, destacar um ponto importante ao falar de identidade. O que falaremos aqui diz respeito à reflexão de autoestima, da consciência, do valor, do seu próprio reconhecimento e não deve ser confundido com o “sentido de superioridade ou pureza raciais” (LOUREIRO, 1995). O que é importante ao falar de identidade amazônica é sua relação entre ele, o homem, a sociedade, mas também com a natureza e com a história. Essa vida cabocla está inserida fortemente na história, ou melhor dizendo, essa vida cabocla é nossa história, é a história do Brasil.

MÉTODOS E PROCESSOS

Os métodos e processos metodológicos indicam uma pesquisa social com predominância aos aspectos qualitativos, onde aplicou-se pesquisa teórica acerca da temática e análise de conteúdo dos relatos; e pesquisa de campo em sua natureza descritiva e explicativa. No caso do estudo em questão, vamos estar focadas nos relatos orais do Seu Jaime da Costa Monteiro, cinquenta e seis anos, morador de Cotijuba desde seu nascimento. Seu pai também foi morador da Ilha, tendo trabalhado em um “abrigo de menores” e morreu com noventa e seis anos. Toda sua família nasceu, morou e alguns morreram na ilha. Ao realizar as análises do conteúdo das narrativas identificamos algumas unidades de sentido no corpo da fala do Seu Jaime, que remete aos causos de visagens/encantarias/aparições, como: “lugar/território”, “memórias – paisagem antiga/atual”, “travessia” que está ligada ao rio – fluxos das águas – tempo. São elementos da cultura entranhadas na vida do ribeirinho e que mostra a intimidade com seres encantados; sua forma de aproximação com os fenômenos estudados que o faz ter conhecimento da existência de aparições.

Deste modo, este artigo apresenta os seguintes tópicos: “causos e visagens” – “memórias de um morador”, onde falaremos da ilha ao qual nasceu e vive Seu Jaime; “causos, visagens e encantarias e aparições”, aqui iremos trazer os conceitos concernentes os mencionados no título do artigo; “Cotijuba e o olhar mítico do narrador”, onde relataremos a fala e experiência do morador com os “visagentos”; e a conclusão do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Causos e visagem – Memórias de um morador

Os aspectos históricos estudados revelam que o município de Belém do Pará é rodeado por 42 ilhas, segundo o *Anuário Estatístico do Município de Belém* (SEGEP,

ANUÁRIO 2020), e dentre essas ilhas temos a Ilha de Cotijuba, sendo esta ilha a terceira maior, com uma área de 15,8071 km². Para ter acesso à ilha, as embarcações saem do município de Icoaraci e está localizada a 22 km ao norte da cidade. As praias mais famosas da ilha são: Praia do Amor, Praia Vai-Quem-Quer e Praia do Farol, contando com infraestrutura como pousadas, bares e restaurantes.

O nome da ilha vem dos índios tupinambás, que tem em seu significado “trilha dourada”, que faz referência ao seu solo argiloso (G1, 2012). Em Cotijuba foi construído um educandário chamado Educandário Nogueira de Farias, onde eram recebidos meninas e meninos abandonados ou infratores da lei. Inclusive, as ruínas do educandário ainda estão à vista e são um dos atrativos turísticos do local.

Segundo o *Diário do Turismo*, a ilha possui sua economia voltada para aquilo que é a identidade do ribeirinho, a pesca. Mas eles possuem também uma agricultura de subsistência, fruticultura e o turismo (DIÁRIO DO TURISMO). É importante mencionar que em 1990 a ilha é transformada em uma Área de Proteção Ambiental, tendo sido instituída pela Lei municipal nº 5.621/1990, do município de Belém do Pará, como forma de garantir a obrigação de preservação do seu ecossistema.

Durante a pesquisa de campo pude observar que a comunidade onde mora o Seu Jaime é uma das praias mais conhecidas – das muitas outras – da ilha, a Praia Funda. Elementos locais observados dos moradores da Praia é que eles sobrevivem da pesca e do turismo, onde há hospedagem com restaurantes beira-mar. Após a travessia de Icoaraci para a ilha de Cotijuba, existe o trajeto até a Praia Funda onde você observa diversas denominações da religião cristã como uma igreja católica, evangélicas de diversas denominações. Não conseguimos identificar outras religiões, todavia, cremos que elas estejam inseridas na comunidade.

Sobre a dinâmica cultural da ilha voltadas para os aspectos da encantaria, as narrações do Seu Jaime contam que, quando ele ainda era criança – “rapazola”, na Ilha de Cotijuba havia um presidio de “menores infratores” que estudavam e viviam lá. Com o tempo aumentou a população da ilha e a criminalidade também, aumentou e o presidio que era para menores se tornou para adultos. Porém enquanto era para menores a finalidade era “abrigá-los” para ressocialização, pois como nos diz Seu Jaime: “teve gente que de lá que se formou, estudou lá, se formou lá, casou lá, morou lá, morreu”.

O aumento demográfico gerou alterações na rotina da ilha. Há ainda, como registro do passado, as ruínas do presidio que seu Jaime menciona como “a carcaça lá do presidio”. Outro aspecto que alterou a paisagem da ilha foi a existência de balneários na ilha, que acarretou no aumento da criminalidade, pois ele rememora que: “[...] dantes não matavam ninguém lá, se morreram a gente não impedia, mas ninguém sabia. Mas agora virou a bandidagem tá lá liberada, a droga tá liberado.”

Seu Jaime lembra que o acesso a Cotijuba, antigamente, era através de um “barcozinho” de um morador da ilha. Ele nos conta que:

Aí você ia de madrugada, saía da sua casa duas horas, era conforme a maré, duas horas, três hora, uma hora da madrugada a gente tinha que tá no porto, pra vim pra Icoaraci fazer tudo naquele horário, que tinha que fazer que dissesse que meio-dia a gente ia ter que sair meio-dia, você tinha que estar lá porque se perdesse, só ia no outro dia.

Na voz de seu Jaime há uma percepção de que o fluxo das marés dita a dinâmica do ir e vir do morador da Ilha.

Sobre as aparições, que é meu objeto de estudo e que me faz ir novamente até a ilha conversar com Seu Jaime, posso anunciar que, na voz dele há “intimidade”, um anúncio de proximidade com a Matinta. Ele tem contato com este “ser” da mata quando caçava. Seu Jaime nos diz que “[...] tinha noite que eu ia pro mato ela...ela não ia. Mas tinha noite que eu ia pro mato ela ia também junto comigo e voltava junto comigo. Nessa noite eu não pegava nada, que ela não deixava”.

Portanto, ao tratarmos sobre “Causos, visagens e encantarias e aparições” é importante esclarecer os termos acima para compreendermos o conceito de “mítico” que este estudo aplica.

Cotijuba e o olhar mítico do narrador

Visagem, ou como diz Eduardo Galvão “bichos visagentos” (GALVÃO, 1955), é uma expressão utilizada forte na Amazônia para os encantados e no que diz respeito ao nosso relato, Seu Jaime menciona a Matinta Perera. Galvão fala que tal fenômeno sobrenatural não é algo existente em uma tradição católica, mas que faz “parte da religião do povo porque exprimem atitudes e relações com o sobrenatural” (GALVÃO, 1955). O “bicho visagente” é aquele que protege a mata, a floresta, os rios – se levamos em consideração a comunidade e suas crenças, que em alguns casos são divergentes no que tange ao entendimento do sobrenatural.

Neste cenário, a conversa sobre as experiências que o seu Jaime teve com visagem, ele inicia falando da Matinta Perera. Ele diz que:

[...] eu ia pro mato, quando ia eu chegava lá no mutá, que se chama né?... subia no mutá ela começava a assoviar por lá, ao redor de mim. Aí eu pegava e descia, vinha me embora e ela vinha me deixar em casa. Eu sentia quando ela passava do meu lado, né? [...] Eu sentia que ela passou no meu lado porque eu sentia um frio. Aquele vento que passava, né? Aí ela assobiava lá na frente. Quando eu sentia aquele frio de novo, ela já estava aqui ela já assobiava aqui atrás. Aí ela me deixou em casa.

A presença da Matinta era percebida por Seu Jaime através do assovio e da sensação de frio durante o retorno dele para casa após a caça. Como a Matinta é segundo (GALVÃO, p. 107) geralmente uma mulher da comunidade. Pergunto ao seu Jaime se ele sabia quem era que o acompanhava. Ele menciona que não, diz que, falavam na comunidade que era uma mulher sem identificá-la.

Outro acontecimento narrado, é destacado quando Seu Jaime diz que na época de namoro, ainda rapaz, por volta dos dezoito anos, quando retornava da casa da namorada, que era longe ouviu um barulho e ele viu que tinha uma pessoa com calça jeans meio molhada, esfregando uma na outra fazendo um ruído e ele logo pensou que ia dar de frente com aquela aparição. Ele sabia que vinha alguém porque a claridade da noite permitia ver as nuances do caminho que se abria com a passagem daquele rapaz. Essa passagem pode ser percebida quando ele diz:

Aí eu peguei, dei o caminho pra ele...pra ele passar. E falei "Oi!" e ele não respondeu nadinha. E nesse dia todo mundo ouviu ele passar na rua. Aí veio e dobrou na rua, como quem vem do trapiche, e o papai preocupado. Aí eu cheguei em casa, o papai me deu uma esculhambação ainda, era uma hora da madrugada quando cheguei em casa. "Rapaz! Que tu tá fazendo na rua, rapaz, uma hora dessas? O é isso que tu encontrou por aí, tu não viu um barulho por aí?"

O contato com a aparição do rapaz "Calça Molhada" que foi nomeado pela comunidade, se deu na madrugada e com comunicação direta, falando com ele e, ainda, todos da comunidade ouviram. As mesmas sensações vividas com a Matinta, são expressadas quando Seu Jaime fala ao pai da aparição:

[...] um homem baixinho ali, gelado, passando do meu lado muito frio frio frio...bem aqui do meu lado, foi desse lado aqui (lado esquerdo) ficou frio mesmo, quase ele esfrega o ombro no meu. Dei as horas pra ele, e ele não se respondeu nada e foi embora. Eu não fiz nada e...também olhei pra trás e fui embora. Também não sei se era nada...pra mim era porquê.

Na comunidade todos se conheciam e quando havia um acontecimento de aparições se buscava saber se era alguém conhecido. Algumas manifestações muito comuns sobre as aparições e encantarias, na voz de Seu Jaime, ocorrem quando o morador saía para caça; quando se escutava os ruídos na mata na madrugada silenciada. Ele diz que "todo barulho que você faz de dia, aí você vai pra mata assim de noite e fica calma. Meia noite você escuta grito, você ouve vozes, assobio, música, tudo, gemido."

Outro aspecto a ser destacado nas vivências de Seu Jaime é a percepção de que ao entorno das aparições existiam os fenômenos de reverberação dia-noite em relação aos sons, "barulho". Segundo Seu Jaime "o que a pessoa faz de dia, fica o som dentro da mata de noite". Para ele a pessoa que tem medo acolhe esses sons como algo sobrenatural e/ou "visagento".

Sobre a relação entre os causos e visagens narradas e a história da cidade, em considerando a existência do presídio na localidade e as prováveis mortes de presos por lá, seu Jaime não vê relações, inclusive menciona que se houvesse mesmo visagem ninguém moraria nas proximidades do presídio. A afirmativa é manifestava quando relata que:

É, tem muita casa, tem aqueles pessoal que fica ali naquela praça até essas horas da noite, e ninguém fala nada. Então eu acho que...lá não aparece nada não.

Aí hoje, você anda lá e você não vê gemido nem na mata...aumentou muita gente ali.

CONCLUSÃO

As narrativas analisadas revelam que o que se conta é o que se vive, ou seja, considera-se o que o morador lê de sua realidade e envolve as tramas vividas em coletividade. O que encontramos é o ancoramento nas crenças da sabedoria do morador, que viveu no mesmo lugar e, ainda vive, sua identidade viva e movente envolto em aparições e encantarias.

Todavia, esse morador não está aquém das alterações sofridas ao longo dos anos. Aos cinquenta e três anos morando na ilha de Cotijuba, seu Jaime demonstra que seu local sofreu alteração não só os aspectos populacional, mas principalmente as questões ambientais com a presença de turistas que alteram a dinâmica da ilha com sons, “barulhos” e gerando poluição.

Sua percepção demonstra que há mudança com relação aos “bichos visagentos” afirmando que em sua época diziam que a Matinta Perera era uma mulher onde a mesma não passou seus conhecimentos adiante, desaparecendo essas aparições da Matinta. Anuncia que essas aparições desapareceram porque eram pessoas mais velhas e foram morrendo e não estão sendo substituídas.

REFERÊNCIAS

Anuário Estatístico do Município de Belém. Disponível em: <https://anuario.belem.pa.gov.br/>. Acessado: 22 dez. 2022.

ATZINGEN, Paulo. **Cotijuba: uma ilha-paraiso para quem busca sombra e água fresca.** Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/cotijuba-uma-ilha-paraiso-para-quem-busca-sombra-e-agua-fresca/>. Acessado: 22 out. 2022.

G1. **Perto de Belém, ilha de Cotijuba possui 15 km de praias.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/07/perto-de-belem-ilha-de-cotijuba-possui-15-km-de-praias.html>. Acessado: 22 out. 2022.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas.** Companhia Editora Nacional. São Paulo, SP: Brasiliiana, 1955.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém, PA: Cejup, 1995.

MONTEIRO, Glauce. **Ilha em Belém é destino inexplorado em plena região metropolitana.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/07/ilha-em-belem-e-destino-inexplorado-em-plena-regiao-metropolitana.html>. Acessado: 22 out. 2022.

SOUSA, Roseli. **Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais da Ilha de Caratateua.** Belém, PA: EDUEPA, 2010.